

A
INDECIFRÁVEL
HARMONIA *do* CAOS

J O Ã O C A R L O S L E I T E

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

I

QUANDO CAMILO ABRIU os olhos inchados, as pontas dos cigarros, ao lado das garrafas vazias, não respiravam mais no cinzeiro lotado. A primeira coisa que sentiu, além do gosto azedo na boca, foi um par de pupilas amarelas a observá-lo. Lentamente, o que era apenas um vulto foi tomando forma: presas afiadas, orelhas pontiagudas e o corpo todo coberto por pelos negros. Assim que a criatura encontrou o foco, bocejou um riso sarcástico e saltou do braço do sofá para o topo da escrivaninha. Ali, ao lado da máquina de escrever, continuou vigiando.

As recordações vinham confusas e fora de ordem, mas logo ficou evidente: algo muito estranho estava acontecendo. Seu raciocínio começava a clarear quando ouviu o estouro de um transformador na rua e um breu espesso, intransponível, alastrou-se por todos os cantos. Porém, foi ao colocar os pés descalços no chão e sentir o carpete molhado que o pânico se instalou. Ainda atordoado, Camilo não demorou a concluir: se a água havia chegado à altura do sétimo andar, boa parte do mundo certamente estava embaixo dela. Correu até a sacada,

mas naquela escuridão não conseguia enxergar nada e a chuva torrencial, que caía há duas semanas, continuava cada vez mais forte.

“É o apocalipse, o juízo final, estamos todos perdidos”, voltou gritando e agarrou o gato, apertando-o contra o peito. O animal, que até então se divertia com o caos, contorceu o corpo elástico, escorregou entre os braços e sumiu nas sombras. “Maldito uísque, se eu sobreviver, nunca mais bebo isso, nunca mais bebo porcaria alguma!” Provavelmente todos haviam sido resgatados e ele, embriagado, fora deixado para trás.

Naquele instante, uma luz pálida e cambaleante se insinuou defronte ao apartamento e um brilho de esperança refletiu em suas pupilas dilatadas: decerto o sinal de um barco que viera em seu socorro.

“O gato!”, sussurrou consigo mesmo. Apesar das suas diferenças, não podia abandoná-lo. Tropeçando nos móveis e usando um palito de fósforo como lanterna, não demorou a encontrar os olhos desconfiados, cintilantes embaixo da cama. Mesmo o bicho resistindo, arrastou-o pelo rabo e correu para a sacada. O fósforo se perdeu, agonizando no carpete molhado.

A luz magra continuava lá, apenas um fiapo balançando de um lado para outro. Tudo que tinha de fazer era nadar uns quinze metros. Distância curta, não fumasse tanto, não bebesse tanto. Cambaleando, subiu no parapeito.

“Você está louco!”, esperneava o felino.

Levou a mão direita à testa, desceu ao peito, cruzou de um ombro ao outro; em seguida, tocou os lábios; no momento em que a beijou, um relâmpago iluminou o céu, revelando o

prédio à frente. Lá estava uma senhora na sacada, segurando uma vela acesa. Era tarde; ele e o gato mergulhavam no vazio, deslizando junto às gotas gordas que olhavam espantadas.

“O que estão fazendo?”, uma delas perguntou.



O repentino estrondo despertou Camilo, que se viu, camisa suada, amarrotado e deitado em seu sofá. Talvez se a vizinha não tivesse esmurrado a porta com tanta violência, ele ainda estaria vivendo o seu pior pesadelo. Ainda desnortado, ouviu os passos da mulher se afastarem em direção ao elevador. Devagar, foi se apercebendo da desordem em seu entorno: rádio ligado, garrafas vazias, cinzeiro abarrotado e o pior — o apartamento encharcado.

Ao chegar à cozinha, constatou que nem tudo tinha sido um sonho bizarro. Lá estava o gato boiando na pia e, como último desaforo, entupira o ralo, fazendo a água transbordar. O estômago se contorceu enquanto um líquido amargo subia até a garganta. Pressentindo que seria impossível conter a náusea, levou a mão à boca e correu ao banheiro, para não vomitar em cima do pobre animal.

Depois de quinze minutos juntando coragem, rosto meio de lado, evitando olhar diretamente para o cadáver, pegou-o pela pele próximo à nuca e o colocou dentro de uma caixa de papelão. Encolhido no fundo da caixa, o gato ensopado perdera o viço e a arrogância. Sem a leveza da alma que o abandonara, reduzia-se à metade do tamanho e ao dobro do peso.

Camilo caminhou de um lado a outro, procurando entender o que acontecera durante a madrugada. Sua cabeça latejava, a pele arranhada ardia, mas não conseguia se lembrar de nada. “Nunca gostei desse gato, mas isso não era motivo para matá-lo...”, murmurou antes de fechar a caixa e levá-la embaixo do braço até fora do apartamento.

Perambulou por mais de uma hora procurando um lugar onde pudesse enterrá-lo, até desanimar. Não existia mais terra no mundo; tudo era asfalto, concreto e estacionamento. O suor escorria na testa, as mãos formigavam e, a cada minuto que passava, o bicho engordava alguns gramas. Exausto, parou diante de um botequim escuro. Apesar de não se lembrar de ter ido àquele bairro, o local lhe pareceu familiar. Entrou e se acomodou, colocando a caixa sobre a mesa.

No lado oposto, observou uma mesa com dois casais, algumas pessoas que conversavam encostadas ao balcão, um senhor escondido atrás de um jornal e, mais ao fundo, um rapaz solitário que, debruçado sobre a mesa, escrevia compulsivamente em um caderno amassado. Camilo lembrou-se de que tinha hábito parecido. Depois de um dia extenuante de trabalho, gostava de um canto sossegado onde pudesse tomar uma dose de uísque e dar vida aos seus personagens. Repentinamente, o jovem escritor, como se tivesse ouvido o seu pensamento, ergueu o rosto e o encarou por alguns segundos. Ele disfarçou, olhando para o lado, e só então reparou na garçonete parada, em cuja mão tremia um lápis mordiscado.

— Boa tarde! O que deseja?

— Um dromedário...

A palavra escapou sem que percebesse. Não que a mulher tivesse uma corcova ou uma pele grossa e empoeirada como um tapete ocre, mas os ombros caídos, o andar triste e arrastado, denunciavam o desânimo de alguém que acabara de atravessar um deserto ou estava preso a ele por muito tempo.

— O quê? — ela contraiu o rosto cansado.

— Desculpe-me... Um café... — gaguejou e fingiu procurar algo nos bolsos.

A garçonete franziu a boca, revelando por detrás da fina camada de poeira um sorriso delicado, quase imperceptível. Diferente de tudo dentro do bar, que bailava do cinza ao sépia, trazia nos lábios um rosa desbotado; nos cabelos presos num coque, um tom avermelhado; e nos olhos tímidos, um verde cintilante. Teve a nítida impressão de que a conhecia. Pensou em perguntar o nome dela, mas estava confuso, talvez devido aos resquícios de álcool que ainda pulsavam em suas veias. Antes que pudesse encher o peito de coragem, ela se afastou.

Enquanto a observava caminhando em direção à cozinha, reparou que o jovem escritor continuava a encará-lo, e que sua presença causara um mal-estar. Dissimulou, tamborilando sobre a mesa; ao perceber os arranhões nos próprios braços, sossegou e os escondeu discretamente. Naquele instante, um murmúrio se insinuou em seus ouvidos e ele se voltou para a caixa que trouxera consigo:

“É, meu amigo. Parece que nem depois de morto você vai me dar sossego.”

“O que quer dizer com depois de morto?”, a voz soou dentro da caixa.

“Sim, infelizmente é isso mesmo!” Bateu a mão levemente sobre a tampa de papelão, como quem toca o ombro de um companheiro que se vai. “Gastou sua sétima vida nessa madrugada, quem poderia saber que era derradeira? Se tivesse nascido na Inglaterra ainda teria mais duas.”

“Então agora poderá seguir sua vida. Não precisa mais me culpar pelo seu fracasso.”

“Vejo que não perdeu o mau humor, mas você tem razão. Está na hora de tirar a poeira da máquina de escrever”.

Fitou o jovem escritor, absorto em seus papéis, mas logo desviou para a garçonete que voltava trazendo o café. Antes que seus olhares se encontrassem, tentou ler o nome bordado no bolso do uniforme dela, no entanto, sem os seus óculos, não conseguia enxergar.

Tomou o primeiro gole puro e amargo. Em seguida, no momento em que pegava o açucareiro, sentiu algo vibrar sobre a mesa. Pousou a mão sobre a caixa por alguns segundos, cauteloso. Quando a tampa soluçou mais uma vez, não teve dúvidas: tirou algum dinheiro da carteira, depositou perto da xícara ainda pela metade, e saiu o mais rápido possível.

— Senhor! O senhor está esquecendo...

II

COM FIOS INVISÍVEIS apertando-lhe os pulmões, Maria Thereza agonizava no pântano em que transformara seus lençóis. As mãos procuravam apoio, mas naufragavam em águas lamacentas. Nessa hora via a si mesma vagando submersa entre paredes que se estreitavam num túnel infinito, enquanto um aracnídeo tecia com linhas de seda um casulo em torno do seu corpo. Tentava fugir, nadando rumo à superfície, até ir de encontro a um teto difuso e embaçado.

Não conseguindo sair, mergulhava novamente até o fundo onde ainda havia ar, enchia os pulmões, armava-se do que pudesse encontrar e tornava a subir, a fim de romper a teia e a barreira invisível que a sufocava. Tudo que conseguia eram apenas pequenos arranhões na película obscura que a separava da realidade. Sem forças, afundava, planando no vazio. Em determinado momento, o corpo se rebelava mais uma vez, então emergia da sua cama e, como alguém que ficara tempo demais debaixo d'água, despertava buscando desesperadamente respirar.

Nos primeiros minutos, ainda ofegante, permanecia sentada no colchão umedecido pelo próprio suor. Com os olhos

arregalados no meio da noite, tentava decifrar os pesadelos que se repetiam, ano após ano. Ironicamente, depois de recuperar o fôlego, acendia um cigarro e o fumava, recostada na janela. Porém a mesma fumaça que entorpecia a aranha dentro do peito, a impedia de dormir, e o cansaço e os sonhos não sonhados minavam-lhe a resistência, tornando seus dias longos e monótonos.

Quando o despertador soava às seis horas e trinta minutos no quarto ao lado e a sua tia Elisa vinha bater na sua porta, já estava sentada na cama, ouvindo o rádio há algum tempo. Enquanto a senhora colocava a água para ferver, ela, sonâmbula e cheirando a nicotina, tomava um banho rápido. Antes que a chaleira começasse a se esgoelar na cozinha, vestia o uniforme de garçoneite e ajeitava os cabelos num coque, só então bebia uma xícara de chá e ia para o trabalho.

Encostada ao balcão, segurando uma comanda e um lápis sem ponta por tanto tempo sem escrever, cronometrava o relógio na parede. Numa rotina angustiante, os clientes se repetiam pontualmente durante o dia todo e, apenas no final da tarde, quando o escritor chegava, as coisas se tornavam um pouco mais interessantes. Mesmo depois de todos irem embora, o rapaz permanecia sozinho, escrevendo e bebericando uma dose de uísque. Ela, que passava o dia inteiro a esperá-lo, sentia-se bem quando, eventualmente, seus olhares se encontravam ou trocavam algumas palavras.

“O que você tanto rabisca?”, perguntou certa vez.

“Bobagens. Histórias que eu invento”, mostrou-se tímido e desajeitado.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em dezembro de 2020.
